

PERFIL DE TRABALHADORES DA INDÚSTRIA CALÇADISTA: UM MAPEAMENTO NO MUNICÍPIO DE ROLANTE/RS

SIDNEI MARCOS GOSSLER

INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - IFRS

ANA PAULA FERREIRA ALVES

INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - IFRS

FERNANDO GONÇALVES DE GONÇALVES

Introdução

O Brasil se destaca como o quinto maior produtor de calçados (ABICALÇADOS, 2023). Localizado na Região do Vale do Paranhana, Rolante se destaca na produção calçadista nacional. A empregabilidade da indústria calçadista é relevante para o município. Reconhecendo a importância do(a) trabalhador(a) e das suas contribuições para a sociedade, é necessária a obtenção de novas informações que permitam conhecer quem são essas pessoas e compreender as características que os(as) representam. Este estudo busca preencher esta lacuna ao examinar o perfil de trabalhadores(as) da indústria calçadista.

Problema de Pesquisa e Objetivo

Nesse contexto, tem-se o problema de pesquisa: qual é o perfil de trabalhadores(as) da indústria calçadista do município de Rolante/RS? Visando responder à questão de pesquisa, este estudo tem como objetivo mapear o perfil de trabalhadores(as) da indústria calçadista no município de Rolante/RS.

Fundamentação Teórica

A exploração do capital sobre os(as) trabalhadores(as) é um legado sócio-histórico (BEAUD, 1981; MARX, 2017; PACHUKANIS, 2017) de um mercado de trabalho marcado pela alta informalidade, baixa remuneração, desigualdade de acesso, poucos direitos conquistados e legalmente instituídos. Atualmente, trabalhadores(as) seguem vivenciando a precariedade do mercado de trabalho em diversos setores econômicos, conforme demonstram diferentes estudos. A indústria do calçado, por exemplo, é marcada pelo aumento da informalidade, empresas terceirizadas, exploração de trabalhadores etc.

Metodologia

Para tanto, este estudo de abordagem quantitativa foi desenvolvido para identificar quem são as pessoas que formam esta categoria de trabalhadores(as) e suas principais características. Foi realizada uma pesquisa quantitativa através de uma survey com aplicação de questionário online. Foram consideradas válidas 417 respostas, que foram submetidas a análises estatísticas descritivas e análise de correspondência múltipla (ACM).

Análise dos Resultados

Diante disso, foram identificados três perfis de trabalhadores(as) da indústria calçadista do município de Rolante: (1) perfil dos trabalhadores(as) pragmáticos(as), formado por pessoas que estão iniciando sua vida profissional na indústria calçadista de Rolante; (2) trabalhadores(as) por necessidade, formado por pessoas com maior tempo de trabalho na indústria calçadista de Rolante e com menor escolaridade; e, (3) trabalhadores(as) por oportunidade, formado por pessoas com maior escolaridade e maiores salários.

Conclusão

Este estudo está alinhado ao objetivo 8 “Emprego Digno e Crescimento Econômico” dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Este estudo contribui na identificação das pessoas que formam esta categoria de trabalhadores(as) e na compreensão de suas principais características e indicadores.

Referências Bibliográficas

ABICALÇADOS. Relatório setorial: Indústria de calçados do Brasil 2023. Novo Hamburgo: Abicalçados, 2023. Disponível em: <https://www.abicalcados.com.br/midia/informativo/arquivos/16763159186210.pdf>. Acesso em 09/03/23. BEAUD, M. História do Capitalismo de 1500 até nossos dias. São Paulo, 1987. MARX, Karl. Capital – Livro I. São Paulo; Boitempo, 2017. PACHUKANIS, E. A teoria geral do direito e o marxismo e Ensaios escolhidos (1921-1929). São Paulo: Sundermann, 2017.

Palavras Chave

Trabalhadores(as), Indústria Calçadista, Análise de Correspondência Múltipla

PERFIL DE TRABALHADORES DA INDÚSTRIA CALÇADISTA: UM MAPEAMENTO NO MUNICÍPIO DE ROLANTE/RS

1 INTRODUÇÃO

Em âmbito global, o Brasil se destaca como o quinto maior produtor de calçados (ABICALÇADOS, 2023). Assim, a indústria calçadista possui um importante papel socioeconômico para o país, principalmente por causa da geração de renda e de empregos, dada a expressiva quantidade de mão-de-obra utilizada para fabricação dos produtos (SILVA FILHO, QUEIROZ, 2014; SANTOS, 2018). O Rio Grande do Sul se destaca como um dos três estados com maior produção de pares de calçados (ABICALÇADOS, 2023). O estado é conhecido por ser a origem da indústria calçadista nacional, a partir do início do século XIX, com o desenvolvimento da produção artesanal de calçados (OLIVEIRA, 2018).

Em 2022, o Rio Grande do Sul encerrou o ano com 87 mil pessoas empregadas diretamente na atividade - um acréscimo de 14,7% em comparação a 2021 (ABICALÇADOS, 2023). No estado, as regiões do Vale dos Rios dos Sinos e Vale do Paranhana são consideradas polos calçadistas (MITTANCK, 2018). Pioneiras na produção de calçados, as regiões formaram a base da indústria local, contribuindo para o desenvolvimento econômico e social (ABICALÇADOS, 2023). Localizado na Região do Vale do Paranhana, o município de Rolante se destaca na produção calçadista nacional. Desde a década de 1970, a cidade vem se aprimorando na produção de calçados. No ano de 2022, Rolante está entre as vinte cidades que mais empregam na indústria calçadista nacional (ABICALÇADOS, 2023).

Diante da importância da empregabilidade da indústria calçadista para o município de Rolante, encontra-se uma lacuna de pesquisa sobre o trabalho enquanto ofício e o próprio trabalhador (SANTOS, 2018). Todo o trabalho tem uma finalidade orientada a um fim; portanto, o trabalho é atividade exclusiva do ser humano, que faz com que o trabalho modifique tanto este ser humano quanto a sociedade (MARX, 2017). Na visão de Marx (2017), através do trabalho, pode-se observar a contribuição do ser social. Isso porque os(as) trabalhadores(as) veem sua mão-de-obra também como uma ação coletiva para colaborar com a sociedade em que eles(as) desenvolvem seu trabalho. Reconhecendo a importância do(a) trabalhador(a), do seu trabalho e das suas contribuições para a sociedade, é necessária a obtenção de novas informações que permitam conhecer quem são essas pessoas e compreender as características que os(as) representam. Este estudo busca preencher esta lacuna ao examinar o perfil de trabalhadores(as) da indústria calçadista.

Nesse contexto, tem-se o problema de pesquisa: qual é o perfil de trabalhadores(as) da indústria calçadista do município de Rolante/RS? Visando responder à questão de pesquisa, este estudo tem como objetivo mapear o perfil de trabalhadores(as) da indústria calçadista no município de Rolante/RS. Para tanto, este estudo de abordagem quantitativa foi desenvolvido para identificar quem são as pessoas que formam esta categoria de trabalhadores(as) e suas principais características.

Justifica-se a realização desse estudo para ampliar e aprofundar a compreensão do perfil das pessoas que trabalham na indústria calçadista de um município. Ao obter dados mais atualizados que destacam trabalhadores(as) da indústria calçadista de Rolante (OLIVEIRA, 2018), este estudo permite ainda o entendimento de indicadores socioeconômicos de trabalhadores(as), principalmente aqueles que apontam as características do desenvolvimento de sociedades. Assim, esse estudo contribui para que o poder público e o setor privado analisem características pré-existent e potencialidades que o território apresenta (CASTRO; KUHN; PENA, 2017). Este estudo está alinhado ao objetivo 8 “Emprego Digno e Crescimento Econômico” dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável.

Este artigo está organizado em cinco seções. A primeira seção é esta seção introdutória. A segunda seção aborda o referencial teórico que fundamenta este estudo. Na terceira seção,

são descritos os procedimentos metodológicos. Na quarta seção, apresentam-se a análise e interpretação dos resultados obtidos. Por fim, a quinta seção contempla as considerações finais, limitações do estudo e possibilidades de pesquisas futuras.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico está dividido em três tópicos. No primeiro tópico, são abordados aspectos sobre o trabalho e o trabalhador. No segundo tópico, trata-se do contexto da indústria calçadista, incluindo elementos da importância do trabalho e do trabalhador. No terceiro tópico, discute-se o desenvolvimento da indústria calçadista e seu impacto para o município de Rolante.

2.1 Trabalho e trabalhador(a)

Segundo Marx (2017), a essência do ser humano está no trabalho, pois é através do trabalho que os indivíduos conseguem transformar a natureza. Ao trabalhar, os seres humanos se relacionam com outros seres humanos, conseguem elaborar novas ideias, construir máquinas, criar instituições sociais, produzir suas crenças religiosas, criar hábitos diferentes e modos de vida específicos. O ser humano é o que ele faz. Esta é, pois, a natureza dos indivíduos (MARX, 2017). Dessa forma, os indivíduos se relacionam no processo de produção, que determina o tipo de sociedade que está sendo desenvolvida (MARX, 2017).

A contextualização da força de trabalho no capitalismo é formada pela classe trabalhadora (MARX, 2017), que inclui indivíduos que precisam vender sua força de trabalho. Por outro lado, tem-se a classe que detém os meios de produção e contrata trabalhadores(as): a classe dos proprietários ou burgueses. Assim, na visão de Karl Marx (2017), o trabalho está dividido em duas óticas: a ótica da burguesia e a ótica do proletariado, que é representada por trabalhadores(as). Portanto, a atividade laboral não se desenvolve isoladamente sem a força do(a) trabalhador(a) (MARX, 2017). A burguesia contrata trabalhadores(as) em troca de remuneração. No entanto, o valor gerado pelo trabalho de indivíduos é superior à remuneração paga. Tem-se, então, a mais-valia (PACHUKANIS, 2017; MARX, 2017).

De acordo com Marx (2017), em sua obra ‘O Capital’ (1932), o método da mais-valia é a base da economia capitalista, em que a riqueza é produzida pela exploração de trabalhadores(as) ou uma classe social sobre outra. A mais-valia é a disparidade entre o salário pago e o valor produzido pelo trabalho, chamada de excedente de produção (MARX, 2017). O valor gerado pelo tempo de trabalho ou produção não pago a trabalhadores(as) é apropriado pelo capital e gera riqueza com a exploração da classe trabalhadora. A partir desse excedente, é gerado o lucro do capital sobre trabalhadores(as) (PACHUKANIS, 2017).

Diante disso, a relação de trabalhador(a) versus capitalismo desenvolveu disputas e lutas de classes, devido à exploração do(a) trabalhador(a) e à falsa consciência promovida pelo sistema capitalista para que o(a) próprio(a) trabalhador(a) não reconheça a exploração do trabalho (MARX, 2017). Diversos são os casos em que os(as) próprios(as) trabalhadores(as) acabam defendendo práticas exploratórias promovidas pelo próprio empregador. Assim, as relações de trabalho acabam sendo desrespeitadas (BEAUD, 1987).

Trabalhadores(as) são vistos(as) pelos defensores do capital como uma peça descartável (MARX, 2017) e de fácil reposição. Dessa forma, o(a) trabalhador(a) se tornou um objeto para defensores do capitalismo (MARX, 2017) e não um ser humano com sentimentos, desejos e emoções. O medo da perda do sustento acabou contribuindo para a formação de uma de trabalhadores(as) que, mesmo em condições precárias, se sujeitam ao sistema capitalista de trabalho (FERREIRA, 2020).

Nesse sentido, pode-se compreender que existe uma divisão entre as questões de trabalho e vida social dos(as) trabalhadores(as) (BEAUD, 1987). A classe trabalhadora busca melhores condições na vida privada, mas também na vida com a sociedade (MARX, 2017). A luta por moradia, trabalho, igualdade e dignidade social pela classe trabalhadora não é recente

(BEAUD, 1987), visto que a acumulação de propriedade privada é debatida em diferentes perspectivas. Para Marx (2017), o(a) trabalhador(a) vende sua força de trabalho, produzindo novas mercadorias e valorizando o mundo das coisas. Contudo, esse(a) mesmo(a) trabalhador(a) é desvalorizado(a) pelo mundo das classes sociais. “O trabalho burguês produz maravilhas para o rico, mas privações para o trabalhador; produz palácios, mas cavernas para o trabalhador; produz espírito, mas insignificância para o trabalhador (MARX, 2017, p.82)”.

Portanto, a exploração do capital sobre os(as) trabalhadores(as) é um legado sócio-histórico (BEAUD, 1981; MARX, 2017; PACHUKANIS, 2017) de um mercado de trabalho marcado pela alta informalidade, baixa remuneração, desigualdade de acesso, poucos direitos conquistados e legalmente instituídos (COUTINHO, 2018). Atualmente, trabalhadores(as) seguem vivenciando a precariedade do mercado de trabalho em diversos setores econômicos, conforme demonstram diferentes estudos. A indústria do calçado, por exemplo, é marcada pelo aumento da informalidade, aumento de empresas terceirizadas, exploração de trabalhadores(as) com baixos salários pagos pela força de trabalho e relatos de assédio moral e sexual nas empresas, principalmente, com trabalhadoras que ficam caladas muitas vezes para manter seus empregos (BIAVASCHI; 2015; ANTUNES, 2015; MITTANCK, 2018; ANDA, 2021). A relação entre trabalho e trabalhador(a) na indústria calçadista é abordada no próximo tópico.

2.2 A indústria calçadista: relação entre trabalho e trabalhador

A indústria calçadista inclui todas as organizações, operações e atividades necessárias para a produção, distribuição e venda de calçados. Tais atividades são, geralmente, realizadas em fábricas e os chamados “ateliers”. Polo calçadista é a região onde há grande concentração de tais fábricas produtoras, com municípios próximos geograficamente. Para a seleção dos polos, são considerados três critérios: a contribuição da região à produção nacional; a contribuição da produção do polo para a produção do estado; e, a dispersão da produção no interior do estado (COSTA, 2004; ZINGANO, 2012; ABICALÇADOS, 2023).

A produção de calçados é dividida em etapas ou processos de produção, tais como modelagem, corte, estamparia, distribuição (interna/externa), costura, montagem do calçado, acabamento, controle de qualidade, pré-fabricados (solas/palmilhas), embalagem, expedição. Outra observação importante é que, no processo de produção, são utilizados produtos químicos, incluindo cola, adesivos e solventes (acetato de etila, acetona, metil-etil-cetona, n-hexano, tolueno, xileno) (MANTOVANI, 2011; ZINGANO, 2012; SEBRAE-SP, 2013). Portanto, como afirma Pereira Júnior (2011, p.398), “fábricas nada mais são do que partes fragmentadas de uma linha de montagem maior. Ao invés de uma, se utilizam dez esteiras e cada seção dispõe de todas as condições necessárias para a elaboração do produto final”. A indústria calçadista ainda demanda grande quantidade de trabalhadores (MITTANCK, 2018; ANDA, 2021), responsáveis pela operação das máquinas e outras atividades relacionadas.

Nesse contexto, o trabalhador da indústria calçadista é aquela pessoa responsável por atividades de costura, adesivar, passar fita, montar e cortar cabedal, colar sola, encaixotamento dos pares, fazer limpeza do calçado e controlar a qualidade do produto final (MANTOVANI, 2011; ZINGANO, 2012; SEBRAE-SP, 2013). Na indústria de calçados, são empregados diversos trabalhos manuais, mas também é necessária a utilização de profissionais para conduzir máquinas específicas da produção (OLIVEIRA, 2018; SANTOS, 2018; FERREIRA, 2020). O tempo é primordial e as atividades dos trabalhadores são muito repetitivas e rotineiras, o que acontece até os dias atuais na indústria calçadista (ANTUNES, 2020; ANDA, 2021). “A função dos trabalhadores, em geral, é repetir movimentos padronizados, sem nenhum conhecimento técnico, feitos mecanicamente sem ajuda da mente” (ARRAIS, 2007, p. 61).

Para competitividade da indústria calçadista, busca-se continuamente a redução dos custos de produção (COUTINHO, 2018). Uma alternativa utilizada pelas empresas é a terceirização (DRUCK et al., 2018; DIEESE, 2017; BIAVASCHI; TEIXEIRA, 2018). A

terceirização é conceituada como a produção de um bem que uma empresa produz fora do seu processo produtivo, transferindo atividades para outra organização contratada ou “terceirizada” (DARDOT; LAVAL, 2016; FILGUEIRAS, CAVALCANTE, 2020; DUTRA, FILGUEIRAS, 2021). Em resumo, a terceirização se trata de uma empresa que fica como atravessadora entre trabalhadores e o capital de outra empresa (DRUCK et al., 2018; DIEESE, 2017; BIAVASCHI; TEIXEIRA, 2018; CORREIA, 2021).

Destaca-se ainda o fenômeno da quarteirização, “o fenômeno da terceirização da terceirização, quando uma empresa terceirizada subcontrata outras” (DROPPA; BIAVASCHI; TEIXEIRA, 2021, p.5). As empresas utilizam a quarteirização para assim reduzir custos, partilhar riscos e aumentar a flexibilidade organizacional (DIEESE, 2017; ANTUNES, 2020; DROPPA; BIAVASCHI; TEIXEIRA, 2021). Conforme citado por Correia (2021, p.496), a quarteirização “trata-se da transferência de parte da gestão dos serviços de uma empresa terceirizada para uma nova empresa. Assim, além da relação que existe entre prestadora de serviço e tomadora (terceirização), verifica-se a transferência de um setor da empresa terceirizada para uma nova empresa (quarteirizada)”. A terceirização e quarteirização introduziram um aumento expressivo da exclusão social no país (DARDOT, LAVAL, 2016; DIEESE, 2017; ANTUNES, 2020; CORREIA, 2021), visto que as desigualdades enfrentadas pela classe trabalhadora se intensificaram.

Em uma pesquisa aplicada no ano de 2017 pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), trabalhadores(as) terceirizados(as) recebiam, em média, 27% a menos do que trabalhadores(as) contratados(as) diretamente pela empresa. A terceirização estimula a demanda de contratos de trabalho com prazo determinado, provocando aumento da precarização das condições de vida e de trabalho (DARDOT, LAVAL, 2016; DIEESE, 2017). Conforme Antunes (2015), as terceirizações causam uma profunda precarização das condições de trabalho, principalmente para as mulheres trabalhadoras, que possuem menor remuneração e menor cumprimento de direitos trabalhistas em relação aos homens (DARDOT, LAVAL, 2016; DIEESE, 2017; MITTANCK, 2018; ANDA, 2021).

Para entrar ou se manter no mercado de trabalho, muitos trabalhadores criaram empresa, seja na forma de pessoa jurídica ou microempreendedor individual (MEI). Dessa forma, se tornam empresários de si próprios, absorvendo as responsabilidades que antes eram da organização para eles próprios e, assim, recebendo um valor menor por sua mão-de-obra (CALANDRO, 2011; DARDOT, LAVAL, 2016; DIEESE, 2017; ANTUNES, 2018; FILGUEIRAS; CAVALCANTE, 2020). Outra forma de se manter no mercado de trabalho é o trabalho sem registro. De forma geral, o trabalho sem registro se caracteriza pela inexistência de registros e garantias legais relacionadas ao trabalho exercido e, conseqüentemente, perda de direitos e remuneração inferior em comparação ao contrato de trabalho registrado (DIEESE, 2017; ANTUNES, 2018; FILGUEIRAS; CAVALCANTE, 2020).

Portanto, a tendência do crescimento da informalidade dá elementos para a degradação das condições de trabalho (ANTUNES, 2015; DARDOT, LAVAL, 2016; DIEESE, 2017; COUTINHO, 2018; ANDA, 2021; CORREIA, 2021), deixando trabalhadores(as) mais vulneráveis e desamparados(as) (DARDOT, LAVAL, 2016; FREITAS, 2018). Informalidade, terceirização e quarteirização são práticas utilizadas para aumentar a riqueza gerada pelo trabalho, mascarada pela justificativa do aumento da competitividade em diversos setores, incluindo o setor calçadista. O Brasil vem perdendo posições no ranking de produção mundial de calçados e, cada vez mais, são frequentes tais práticas na indústria calçadista nacional. O panorama da indústria calçadista no município de Rolante/RS é apresentado no próximo tópico.

2.3 Indústria Calçadista em Rolante/RS

A indústria calçadista é formada por mais de 5,4 mil empresas fabricantes de calçados no Brasil. Além disso, o setor calçadista foi responsável por 266 mil empregos formais no ano

de 2021, conforme o último Relatório Setorial Indústria de Calçados do Brasil (ABICALÇADOS, 2023). Especificamente no Rio Grande do Sul, a indústria calçadista no estado gerou mais de 87 mil empregos em 2022, 5,8% em comparação ao ano de 2021 (ABICALÇADOS, 2023). Nesse estado, evidencia-se o polo calçadista do Vale do Rio dos Sinos e do Vale do Paranhana. Os polos são responsáveis por 57% da produção de calçado do Rio Grande do Sul, totalizando mais de 109 milhões de pares produzidos em 2022. As regiões do Vale dos Sinos e Vale do Paranhana geram mais de 53 mil postos de trabalho gerados pela indústria calçadista (ABICALÇADOS, 2023). São considerados polos calçadistas porque, “na região, encontram-se instalados ramos auxiliares a essa ocupação [produção de calçados], como curtumes, máquinas e equipamentos para calçados, componentes, prestadores de serviços e instituições de apoio, formando um complexo produtivo e integrado”. (COSTA, 2004, p.12).

Localizado na Região do Vale do Paranhana, o município de Rolante está localizado a 90km da capital do estado, Porto Alegre, compondo a Região Metropolitana de Porto Alegre. Faz divisa territorial com os municípios de Taquara, Riozinho, São Francisco de Paula e Santo Antônio da Patrulha. A população estimada do município está em aproximadamente 21.500 habitantes (IBGE, 2021). A indústria calçadista é uma das principais atividades econômicas do município de Rolante, em conjunto com as atividades de comércio e agropecuária. A jornada de trabalho é de 44 horas semanais, cuja remuneração é paga por hora, com o piso mínimo de pagamento - após dois meses de trabalho na empresa - de R\$6,89 (seis reais e oitenta e nove centavos) por cada hora trabalhada. Considerando um mês com quatro semanas (ou seja, 220 horas), a remuneração é equivalente a R\$1.515,80 como salário bruto (S.T.C.V. ROLANTE-RS, 2022).

A indústria do calçado representa mais de 38% da mão-de-obra formal do município, e a maior parte da mão-de-obra é feminina (S.T.C.V. ROLANTE-RS, 2022). Em Rolante e outras cidades que foram o Vale do Paranhana, considera-se que existe o ethos de ‘ateliers’ terceirizados e quarteirizados no setor de costura de calçados. Isso porque as empresas do município se especializaram no setor de costura. Tal fato também explica por que a maioria da mão-de-obra do setor calçadista é de mulheres, uma vez que a função de costura geralmente é realizada por trabalhadoras (MITTANCK, 2018). As trabalhadoras de Rolante vêm buscando direitos e igualdade de gênero (MITTANCK, 2018; ANDA, 2021).

Conforme o Sindicato dos Trabalhadores do Calçado e Vestuário de Rolante, existem 143 empresas na cidade que empregam formalmente cerca de 4.400 trabalhadores(as). Do total de empresas instaladas no município, uma empresa é considerada de grande porte, quatro empresas de médio porte e as demais são micro e pequenas empresas que produzem calçados ou uma parte da produção de calçados (S.T.C.V. ROLANTE-RS, 2023). Portanto, o setor produtivo está na micro e pequena empresa, articulando-se com um conjunto de empresas-parceiras terceirizadas ou fornecedoras (DUTRA, FILGUEIRAS, 2021; RODRIGUES, 2022). “Então, pode-se afirmar que a maioria dos trabalhadores da indústria calçadista estão alocados em pequenas e microempresas” (BARBOSA, 2003, p.75).

Para Antunes (2020), isso é uma tendência do modelo de acumulação flexível. Na visão de Rodrigues (2022), o aumento de pequenas empresas está produzindo um processo clássico de industrialização, tanto nos grandes centros produtivos, como em pequenas cidades. No município de Rolante, essa característica se reflete na criação de redes locais de fornecedores de conhecimento, máquinas, equipamentos e insumos, possibilitando a criação de empresas para a terceirização e quarteirização da produção de calçados (OLIVEIRA, 2018; MITTANCK, 2018; DUTRA; FILGUEIRAS, 2021; CORREIA, 2021). Dessa forma, são incentivados novos empreendimentos no município, que geram novos postos de trabalho em pequenas e médias empresas (OLIVEIRA, 2018) e microempreendimentos familiares (COUTINHO, 2018).

Diante dessas considerações, entende-se como necessário o mapeamento desses(as) trabalhadores(as) por razão da riqueza gerada por tais trabalhadores(as) para o setor calçadista.

Diferentes estudos acadêmicos vêm abordando a exploração do(a) trabalhador(a) na indústria calçadista (ver, por exemplo, DRUCK et. al., 2018; MITTANCK, 2018; FREITAS, 2018; FERREIRA, 2020; FILGUEIRAS, CAVALCANTE, 2020; ANDA, 2021; DUTRA; FILGUEIRAS, 2021; DROPPA; BIAVASCHI; TEIXEIRA, 2021; RODRIGUES, 2022). Contudo, existe uma lacuna de pesquisa para investigar quem são esses(as) trabalhadores(as) e verificar qual é o perfil dessas pessoas perante a baixa remuneração, exploração e assédio, informalidade e trabalho infantil. Trabalhadores(as) são a parte mais frágil do processo produtivo calçadista e, considerando esta dura realidade, trabalhadores(as) são o foco desta pesquisa. A próxima seção descreve os procedimentos metodológicos para operacionalização deste estudo.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para atingir o objetivo da pesquisa, essa pesquisa tem uma abordagem quantitativa (GIL, 2019). A população da pesquisa abrange aproximadamente 4.400 trabalhadores(as) formais que atuam em 143 indústrias calçadistas que têm suas atividades no município de Rolante (S.T.C.V. ROLANTE-RS, 2023). Considerando o nível de 95% de confiança e uma margem de erro de 4,6%, chega-se a um número amostral mínimo de 412 respostas. Portanto, buscou-se atingir este número mínimo de respostas para garantir maior confiabilidade para as inferências sobre o perfil de trabalhadores(as) da indústria calçadista no município de Rolante.

Para a coleta de dados, foi elaborado um questionário online com 26 questões. As questões foram baseadas em pesquisas socioeconômicas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), devidamente adaptadas para aplicação no contexto de pesquisa. O questionário foi organizado e disponibilizado no Google Forms. A primeira questão era uma pergunta eliminatória para filtrar o público-alvo deste estudo – trabalhador(a) da indústria calçadista do município de Rolante. Caso a pessoa não se enquadrasse como trabalhador da indústria, o questionário era imediatamente encerrado. As primeiras perguntas do questionário envolveram variáveis socioeconômicas, incluindo idade, gênero, escolaridade, residência, renda individual, renda familiar etc. As demais perguntas abrangeram a percepção do(a) trabalhador(a) sobre o seu próprio trabalho, como por exemplo motivos para trabalhar na indústria calçadista, importância da carteira de trabalho, tempo de trabalho, número de empresas trabalhadas e endividamento.

A coleta de dados foi realizada entre os meses de outubro e dezembro de 2022. O questionário foi distribuído para potenciais participantes nas redes sociais do pesquisador. Além disso, algumas empresas foram visitadas presencialmente para que o questionário chegasse à maior quantidade possível de trabalhadores(a) do setor calçadista do município independente do compartilhamento em redes sociais. Tais empresas estão localizadas em diferentes bairros do município de Rolante. Na visita, o pesquisador explicou os objetivos da pesquisa a responsáveis pelas empresas e alguns chefes se disponibilizaram em divulgar o formulário da pesquisa em grupos internos da empresa na rede social WhatsApp.

No total, foram obtidas 476 respostas do questionário. Contudo, em virtude da questão eliminatória, apenas 417 destas respostas foram consideradas válidas. Com base no número de respostas válidas, procedeu-se a análise dos dados. Para analisar os dados, foram conduzidos testes estatísticos descritivos da amostra e cruzamentos de variáveis no programa PSPP. Após cruzar os dados no sistema PSPP, foi produzida uma análise de correspondência múltipla (ACM) no sistema SPHINX de forma a aprofundar a análise dos dados. A ACM é uma análise multivariada que permite identificar interações complexas entre variáveis categóricas (ROUANET; ACKERMAN; LE ROUX, 2005). Os resultados encontrados são apresentados na próxima seção.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise e discussão dos resultados está organizada em três tópicos. No primeiro tópico, são apresentadas as análises de variáveis socioeconômicas. No segundo tópico, abordam-se questões referentes ao trabalho na indústria calçadista. No terceiro tópico, trata-se da descrição de perfis de trabalhadores(as) da indústria calçadista do município de Rolante a partir da ACM.

4.1 Análise Socioeconômica

Do total de 417 respondentes, 268 (64,3%) se identificam com o gênero feminino, 146 (35%) se identificam com o gênero masculino e 3 (0,7%) optaram por não responder essa pergunta. Estes números estão alinhados a diferentes estudos que afirmam que o maior número de trabalhadores é do gênero feminino (DIEESE, 2017; MITTANCK, 2018; ANDA, 2021). Sobre esta posição feminina na mão-de-obra do calçado, pode-se afirmar que a mulher tem seu local na fabricação de calçados, como profissional com agilidade e dotada de habilidade. Considerando que existe um ethos na terceirização do setor de costura no município e que a maior parte da mão-de-obra para a costura é feminina, o resultado alcançado nesta pesquisa era esperado. Na visão de Mittanck (2018), a maior busca das mulheres no mercado de trabalho está ligada a questões econômicas e pessoais como complemento da renda familiar, independência financeira ou sustento da família.

Em relação à idade, constata-se que a maior parte de respondentes é jovem. 65 pessoas (15,6%) possuem de 30 a 35 anos, 59 (14,1%) possuem de 16 a 17 anos, 57 (13,7%) possuem de 25 a 29 anos e 54 (12,9%) possuem de 20 a 24 anos. Cabe salientar que 21 pessoas (5%) assinalaram possuir menos de 16 anos e somente 2 (0,5%) afirmaram ter 61 anos ou mais. O maior percentual abrange trabalhadores(as) mais experientes, atendendo às demandas das empresas por grande potencial produtivo e vigor físico (ARRAIS, 2007; ANTUNES, 2020). O baixo número de participantes mais velhos mostra o reflexo do trabalho globalizado, que exige um trabalhador(a) com maior rapidez e agilidade nas suas funções para aumento da produtividade. As empresas acabam desconsiderando a experiência profissional adquirida por esses(as) trabalhadores(as) (DRUCK et al., 2018).

Quanto à raça, 312 participantes (74,8%) se autodeclararam brancos(as) e 84 (20,1%) se autodeclararam pardos(as). Esses dados reafirmam informações de imigração da região do Vale do Paranhana, sendo o destino de imigrantes brancos(as) vindos da Alemanha, Itália e Polônia (LOPES, CARVALHO, 2012; MITTANCK, 2018). No que diz respeito ao estado conjugal, a maioria dos participantes (45,1%) afirmou estar solteiro(a). No entanto, 111 (26,6%) são casados(as) e 100 (24%) assinalaram a opção de 'morar junto', que significa que a pessoa não é casada formalmente, mas o casal reside na mesma casa. Assim, pode-se considerar que a amostra é formada por 50,6% pessoas que possuem um relacionamento e habitam na mesma residência e 45,1% são solteiras. Acredita-se que parte desses dados é explicada em função da idade, visto que grande parte dos respondentes da amostra é jovem. A colocação de trabalhadores(as) jovens e solteiros(as) no mercado de trabalho se alinham à decisão individual e racional sobre ter seu próprio salário para auxiliar ou custear as contas da família (ZINGANO, 2012).

Quando questionados sobre a quantidade de pessoas que moram na sua residência, 169 participantes (40,5%) responderam que moram com mais 1 pessoa, 121 (29%) moram com mais 2 pessoas e 72 (17,3%) moram com mais 3 pessoas. Um dado que chamou a atenção é que 16 trabalhadores(as) (3,8%) afirmam que moram sozinhos(as), o que indica uma busca por sua independência financeira e sua liberdade, para deixar a dependência de seus pais. Por sua vez, quando questionados sobre filhos, 188 participantes (45,1%) assinalaram que não possuem filhos, 110 (26,4%) assinalaram que possui 1 filho(a) e 80 (19,2%) assinalaram que possuem 2 filhos(as) (19,2%). Dessa forma, pode-se perceber que as respostas dessas questões estão associadas, mostrando a confiabilidade aos dados coletados.

No que se refere à escolaridade, 101 pessoas (24,2%) possuem ensino médio completo, 98 (23,5%) possuem ensino médio incompleto, 81 (19,4%) possuem ensino fundamental completo e 77 (18,5%) possuem ensino fundamental incompleto. Segundo Druck (2018), o trabalho braçal acaba sendo desvalorizado por oferecer em geral baixa remuneração e condições precárias de trabalho. Desse modo, a mão-de-obra possui baixa escolaridade e condições socioeconômicas vulneráveis. O tempo fora do ambiente escolar pode desestimular a volta aos estudos, bem como a pequena possibilidade de crescimento profissional nas empresas ou ‘ateliers’ que os(as) trabalhadores(as) atuam.

Adicionalmente, questionou-se sobre a escolaridade do pai e da mãe de trabalhadores(as) da indústria calçadista de Rolante. O nível de escolaridade de pais e mães representa uma referência e um indicador do capital cultural que foi herdado da família. Do total de respondentes, 282 pessoas (67,6%) afirmaram que seu pai possui ensino fundamental incompleto e 272 (65,2%) afirmaram que sua mãe possui ensino fundamental incompleto. Dados coletados afirmam que o nível de escolaridade vem aumentando com o passar dos anos e demonstram que as mães possuem a escolaridade superior à dos pais. Pode-se esperar que os filhos tenham nível de escolaridade superior ao que pais e mães tiveram em sua infância (QUEIROZ, 2010), em virtude de maior acesso à educação, saúde e transporte no Brasil (CALANDRO; CAMPOS, 2013; IBGE, 2018). Queiroz (2010) destaca que, apesar da melhora no nível de instrução, o nível educacional de trabalhadores(as) do calçado ainda permanece baixo.

Sobre o local da residência de trabalhadores(as), 398 participantes (95,4%) responderam que residem em Rolante. Segundo Druck et al. (2018), trabalhadores(as) dão preferência em escolher seu local de trabalho próximo à sua residência, pois desta forma o deslocamento entre casa e trabalho será menos oneroso, o que lhe proporciona maior tempo para lazer e outras atividades. A maioria dos respondentes (283, 67,9%) reside em área urbana e a maioria (354, 84,9%) afirma que sua residência é regularizada e/ou escriturada. Além disso, 181 participantes (43,3%) têm casa própria quitada, 86 (20,6%) moram com familiares (seus pais, por exemplo) e 76 (18,2%) têm casa própria, mas ainda financiada. Nas últimas décadas, programas governamentais viabilizaram moradias com condições mínimas de habitabilidade para a classe trabalhadora, garantindo melhores condições para o desenvolvimento e superação da pobreza.

Em relação à renda individual, 172 trabalhadores(as) (41,2%) têm renda de R\$ 1.213,00 até R\$ 1.760,00, 99 (23,7%) têm renda de até R\$ 1.212,00 e 95 (22,8%) têm renda entre R\$ 1.761,00 até R\$ 2.400,00. Com base na renda familiar, 86 respondentes (20,6%) afirmam que ganham mais de R\$ 4.001,00, 72 (17,3%) afirmam que ganham de R\$ 2.501,00 a R\$ 3.000,00 e 60 (14,4%) afirmam que ganham de R\$ 1.213,00 a R\$ 2.000,00. Em 2023, o salário-mínimo regional no Rio Grande do Sul está dividido em cinco categorias. Trabalhadores(as) da indústria de calçados de Rolante se enquadram na primeira categoria do piso regional aplicado valor de salário de R\$ 1.443,94 (S.T.C.V. ROLANTE-RS, 2023). Em geral, a remuneração de trabalhadores(a) na indústria calçadista de Rolante é de 1 a 1,5 salários-mínimos, caracterizando o setor do calçado como uma das menores remunerações pelo trabalho (S.T.C.V. DE ROLANTE-RS, 2023). A baixa remuneração do trabalhador da indústria calçadista de Rolante pode ser explicada pela quantidade de ‘ateliers’ terceirizados no município. Segundo Ferreira (2020), existe uma disparidade salarial muito elevada dentro das empresas, fazendo com que muitos(as) trabalhadores(as) se sujeitem a salários desvalorizados.

De acordo com Antunes (2020), trabalhadores(as) vendem sua força de trabalho para sobreviver por um determinado valor, que muitas vezes não contempla suas necessidades básicas. Segundo Druck et al. (2018), a precarização dos salários de trabalhadores(as) acaba demonstrando vulnerabilidade social e econômica. Dessa forma, a classe trabalhadora tenta se manter ativa no modo de produção capitalista, com a subordinação da mão-de-obra e manutenção da riqueza de poucos (MARX, 2017). Mittanck (2018) afirma que a remuneração

de trabalhadores(as) está diretamente ligada à escolaridade, o que é confirmado pelos dados desta pesquisa. Conforme a autora, o perfil socioeconômico e cultural de trabalhadores(as) depende principalmente de sua renda e de seus estudos (MITTANCK, 2018).

No que diz respeito à organização de remuneração e gastos, a maioria dos respondentes (224, 53,7%) assinalaram que não possuem reserva financeira em caso de desemprego. Ainda, a grande parte não possui financiamento bancário para pagar dívidas (313, 75,1%) e a maioria (328, 78,7%) não possui crédito negativado no Serviço de Proteção ao Crédito (SPC). Esses dados podem indicar que trabalhadores(as) têm vida financeira controlada, buscando adequar seu orçamento doméstico à renda salarial. Contudo, também pode indicar que as pessoas estão deixando de consumir certos bens e serviços com receio de não cumprir com os pagamentos (RIBEIRO; SILVA, 2018).

4.2 Análise do Trabalho na Indústria Calçadista

Neste tópico, são abordadas questões sobre o trabalho na indústria calçadista no município de Rolante. Segundo a autora Mittanck (2018), o trabalhador(a) tende a escolher seu primeiro trabalho na indústria calçadista pelo número de empresas no município, pois assim tem mais possibilidade de encontrar vaga de emprego disponível. Quando questionados sobre o principal motivo para escolher o trabalho no setor calçadista, 204 respondentes (48,9%) indicaram a independência financeira, 99 (23,7%) indicaram a ajuda no orçamento familiar e 82 (19,7%) indicaram a inexistência de outras opções de trabalho no município. Segundo IBGE (2016), a idade e a escolaridade são dois importantes fatores para compreender e analisar mudanças do mercado de trabalho. Ao entrar no mercado de trabalho, jovens buscam em seu primeiro emprego sua independência financeira, seu sustento e/ou auxiliar sua família no orçamento da casa.

A maioria dos trabalhadores são jovens e sua escolaridade é ensino médio completo. No entanto, sabe-se que muitas pessoas acabam descontinuando os estudos regulares em função do ritmo de trabalho na produção fabril, pela necessidade muito frequente extras na empresa e carga horária intensa da jornada de trabalho (IBGE, 2018; ANTUNES, 2020). Mesmo que algumas empresas estimulem trabalhadores(as) a continuar estudando, são poucos(as) que chegam ao ensino superior (DROPPA; BIAVASCHI; TEIXEIRA, 2021). Dentre os participantes da pesquisa, 186 pessoas (44,6%) continuaram estudando à noite e trabalhando durante o dia, 135 (32,4%) pararam de estudar após começar a trabalhar na indústria calçadista e 96 (23%) trabalhavam meio turno e estudavam no turno inverso. Trabalhadores(as) que não concluíram seus estudos apontam um dado preocupante de evasão escolar a partir da dificuldade em conciliar estudos e trabalho.

Um dos maiores problemas no mercado de trabalho é a rotatividade, que demonstra que a qualidade do trabalho é baixa e existe baixa perspectiva de crescimento na empresa (OLIVEIRA et al., 2018). Em relação à rotatividade de trabalhadores(as), 170 respondentes (40,8%) trabalharam de duas a três empresas, 95 (22,8%) trabalharam em apenas uma empresa (continuam trabalhando no seu primeiro emprego) e 90 (21,6%) trabalharam de quatro a cinco empresas na sua vida profissional. No município de Rolante, a atividade econômica predominante é a indústria calçadista. Frequentemente, ocorre o fechamento de fábricas e 'ateliers' terceirizados, que impactam no aumento do desemprego e na busca por remuneração em outras empresas (CALANDRO, 2011; CALANDRO; CAMPOS, 2013). Além disso, pode ocorrer a troca de emprego por uma melhor oferta de remuneração pelo trabalho (OLIVEIRA et al., 2018).

No que se refere ao tempo de trabalho na empresa que atuam, 139 pessoas (33,3%) trabalham há menos de um ano na empresa, 105 (25,2%) trabalham há mais de seis anos na empresa e 74 (17,7%) trabalham entre um e dois anos na empresa. Em geral, trabalhadores(as) se encontram empregados(as) há menos de um ano. Tal resultado pode estar relacionado a

trabalhadores(as) mais jovens e com menores salários, desta forma, podendo ocasionar precarização e instabilidade no mercado de trabalho ou substituição de trabalhadores(as) por outros profissionais com valor menor a ser remunerado pela empresa (OLIVEIRA et al., 2018). Entretanto, quanto aos profissionais que estão há mais de seis anos na mesma empresa, é possível que estejam ocupando cargos de chefia e sejam mais bem remunerados(as) em função da experiência profissional, visto que os gerentes geralmente ficam por um período maior nas empresas (FERREIRA, 2020).

Quanto ao tipo de locomoção que trabalhadores(as) utilizam para ir até o trabalho, 148 participantes (35,5%) responderam que realizam percurso a pé, 107 (25,7%) responderam que utilizam carro e 77 (18,5%) utilizam bicicleta. Este dado está alinhado à questão anterior que trata do município de residência, pensando na distância até o local de trabalho. Uma vez que a maioria dos participantes se desloca até o trabalho a pé, entende-se que suas residências estão próximas ao local de trabalho. Ainda, destaca-se a utilização de bicicletas (18,5%) e motocicletas (33 pessoas, 7,9%) para deslocamento até o trabalho. De acordo com Monteiro e Bertagni (2016), esse tipo de deslocamento indica maior possibilidade de acidente in itinere, ou seja, período em que trabalhadores(as) estariam à disposição da empresa por estar em deslocamento para o local de trabalho ou para sua residência.

Adicionalmente, questionou-se sobre a importância do trabalho formal, com base na carteira de trabalho regularmente assinada. A exploração do capital sobre trabalhadores(as) ocorre desde o início da criação da sociedade capitalista (MARX, 2017). Nesse cenário, trabalhadores(as) buscam maneiras de aumentar sua remuneração a partir da venda da força de trabalho. Na visão de Antunes (2020) a informalidade vem se introduzindo aos poucos na sociedade. Muitas pessoas acreditam que o trabalho sem registro pode trazer maior renda ao final do mês, visto que empresas costumam pagar maior valor em dinheiro a trabalhadores(as) informais em comparação a trabalhadores(as) regularmente registrados.

No entanto, trabalhadores(as) registrados têm mais direitos e benefícios. No entanto, vários(as) trabalhadores(as) informais parecem optar por não ser segurados(as) do INSS. Ser segurado(a) ao INSS dá direito ao pedido de seguro-desemprego (quando da demissão sem justa causa), auxílio-doença (para acidentados de trabalho e/ou outras doenças), licença-maternidade, licença-paternidade etc. Trabalhadores(as) informais são impedidos(as) de acessar tais direitos por deixar de trabalhar ou pagar o valor referente ao INSS por um período maior que 12 meses. Só é possível voltar a acessar tais direitos após trabalhar de maneira registrada ou pagar com carnê previdenciário por um período superior a 6 meses (S.T.C.V. de Rolante-RS, 2023). Portanto, os direitos trabalhistas ficam fora deste do contrato de trabalho informal. Cada direito deixado de lado beneficia somente o capital, que consegue explorar ainda mais o(a) trabalhador(a) (DIEESE, 2017; ANTUNES, 2018; FILGUEIRAS; CAVALCANTE, 2020). Essa falsa impressão de maior benefício ao final do mês, em razão da remuneração com maior valor, faz com que esse tipo de contratação cresça não somente no município de Rolante, mas em todos os municípios do Brasil e em diversos setores industriais (DIEESE, 2017).

Do total de 417 respondentes, 396 pessoas (95%) assinalaram que consideram importante ter a carteira de trabalho assinada. Considerando que o trabalho informal vem se tornando um ethos no município de Rolante, este dado mostra a percepção de trabalhadores(as) sobre o seu trabalho e a relevância de direitos trabalhistas que estão implícitos na carteira de trabalho regularmente assinada. Vale lembrar que a percepção sobre a importância da carteira de trabalho assinada não significa que o(a) trabalhador(a) está trabalhando formalmente. Diversas pessoas que trabalham informalmente podem perceber a relevância da carteira de trabalho assinada exatamente porque não estão trabalhando de modo formal. A introdução da quinteirização estimula o trabalho informal, precário e com o pagamento de baixos salários para trabalhadores(as), contudo, ainda não existem dados oficiais do sindicato e prefeitura sobre o trabalho informal no município.

na indústria calçadista de Rolante e com menor escolaridade; e, trabalhadores(as) por oportunidade, formado por pessoas com maior escolaridade e maiores salários. O Quadro 1 apresenta as características de cada perfil de trabalhadores(as) da indústria calçadista.

Trabalhadores(as) Pragmáticos(as)	Trabalhadores(as) por Necessidade	Trabalhadores(as) por Oportunidade
Têm até 24 anos	Têm mais de 40 anos	Têm de 25 até 39 anos
Estão iniciando na Indústria calçadista de Rolante-RS	Com maior tempo desenvolvendo seu trabalho na Indústria calçadista de Rolante-RS	Com certo tempo de trabalho na indústria calçadista de Rolante-RS
Têm seu salário até R\$1.760,00	Têm seu salário em R\$1.760,00 em média	Têm seu salário em R\$3.501,00 ou mais
Ainda está estudando, concluindo o nível de escolaridade	Não têm o ensino médio completo	Têm nível superior de escolaridade ou mais
Trabalha na indústria calçadista por não ter outra opção de trabalho no município	Trabalha na indústria calçadista de Rolante por necessidade	Trabalha na indústria calçadista por oportunidade
Não têm filhos	Têm 3 filhos ou mais	Têm até 2 filhos
Mora com seus pais ou de favor	Paga aluguel	Casa própria ou financiada
Solteiro(a) ou separado(a)	Casado(a) ou morando junto(a)	Casado(a) ou morando junto
Não está negativado no SPC	Está negativado no SPC	Não está negativado no SPC
Têm uma reserva de dinheiro para até 3 meses caso fique desempregado(a)	Não tem nenhuma reserva de dinheiro caso fique desempregado(a)	Têm uma reserva de dinheiro para 6 meses ou mais
Trabalhadores(as) com menos de um ano de trabalho na empresa atual	Trabalhadores(as) com 3 a 5 anos na empresa atual	Trabalhadores(as) com 3 a 5 anos na empresa atual
Percurso até o trabalho de bicicleta ou caminhando	Percurso até o trabalho de bicicleta, caminhando ou de ônibus	Percurso até o trabalho de veículo próprio ou de carona
Não têm financiamento bancário	Têm financiamento bancário	Não têm financiamento bancário

Quadro 1. Perfil de trabalhadores(as) da indústria calçadista de Rolante

Com base no Quadro 1, pode-se verificar que são distintos os três perfis de trabalhadores(as) identificados na pesquisa. Podem ser observadas diferenças de idade, escolaridade, renda individual, filhos, moradia, deslocamento até a empresa e tempo de trabalho na indústria calçadista no município de Rolante. Destaca-se que não foram encontradas, por exemplo, diferença de gênero entre os perfis. Contudo, para entender o trabalho na indústria calçadista, é preciso compreender o papel e a importância das mulheres. Portanto, este estudo buscou preencher uma lacuna de pesquisa ao examinar o perfil ou os perfis de trabalhadores(as) da indústria calçadista.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo objetivou mapear o perfil de trabalhadores(as) da indústria calçadista no município de Rolante/RS. Para tanto, foi conduzida uma pesquisa de abordagem quantitativa a partir de uma *survey* junto a uma amostra de 417 pessoas. A maioria da amostra é composta por

pessoas que se identificam com o gênero feminino, se autodeclararam de raça branca, são jovens (20 a 35 anos), seguem a religião católica, são solteiros, possuem escolaridade de ensino médio completo, possuem renda individual de 1 a 1,5 salários-mínimos e renda familiar de 4 ou acima de 4 salários-mínimos. A expressiva maioria reside em Rolante, em área urbana e com residência quitada, regularizada e/ou escriturada. Além disso, o principal motivo para a maioria dos participantes quanto à escolha do trabalho na indústria calçadista está na independência financeira. Ao iniciar o trabalho na indústria calçadista, grande parte continuou a estudar durante a noite, enquanto trabalhava durante o dia. Participantes trabalharam em duas ou três empresas, estão trabalhando há menos de um ano na empresa atual e fazem o percurso até o trabalho a pé. A grande maioria dos trabalhadores(as) percebe a importância da carteira de trabalho assinada.

Resultados apontam que não existe apenas um perfil de trabalhador(a) da indústria calçadista. Neste estudo, foram identificados três tipos de perfis: (1) trabalhadores(as) pragmáticos(as) são trabalhadores(as) mais jovens, buscando sua independência financeira, sem filhos e sem dívidas; (2) trabalhadores(as) por necessidade são trabalhadores que atuam há mais tempo na atividade, que têm financiamento bancário para pagar dívidas, têm três filhos ou mais, pagam aluguel; e, (3) trabalhadores(as) por oportunidade são os trabalhadores(as) com maior escolaridade e conseqüentemente recebem os maiores salários e têm uma reserva caso fiquem desempregados(as) por mais de seis meses. Portanto, entende-se que o objetivo deste estudo foi alcançado, pois foi possível mapear os perfis dos(as) trabalhadores(as) da indústria calçadista do município de Rolante.

Dentre as limitações do estudo, está a coleta de dados a partir de um questionário online. Muitos(as) trabalhadores(as) não conseguiram responder ao questionário por não ter familiaridade com a tecnologia. Para responder o questionário, era necessária conexão com a plataforma do *Google* para ter acesso ao questionário e certo letramento digital para conseguir responder às questões. Outra limitação encontrada foi a negativa de aplicar o questionário em grupos do WhatsApp de algumas empresas do município. Esta negativa impediu que mais trabalhadores(as) pudessem participar da pesquisa.

Para pesquisas futuras, sugere-se que mais investigações sejam feitas cujo foco seja o trabalhador(a) da indústria calçadista, de forma a obter dados mais atualizados sobre esses profissionais. Estimula-se que pesquisas sejam feitas para melhorar a qualidade de vida e bem-estar de trabalhadores(as) da indústria de trabalhadores(as) da indústria calçadista de Rolante. Assim, sugere-se que sejam feitos estudos para dar voz às demandas de diferentes atores, incluindo próprios(as) trabalhadores(as) e sindicato que representa a categoria. Espera-se que esta pesquisa possa impulsionar outros(as) pesquisadores(as), com intuito de provocar inquietações contrárias a esse sistema econômico vigente exploratório e desenvolvido para o deterioramento da classe trabalhadora no município de Rolante e em todo Brasil.

REFERÊNCIAS

- ABICALÇADOS. **Relatório setorial: Indústria de calçados do Brasil 2023**. Novo Hamburgo: Abicalçados, 2023. Disponível em: <https://www.abicalcados.com.br/midia/informativo/arquivos/16763159186210.pdf>. Acesso em 09/03/23.
- ANDA, M. J. B. **Contratação e permanência de mulheres no mercado de trabalho: desafios do RH numa indústria calçadista**. Governador Mangabeira, Bahia, p. 9, 2021.
- ANTUNES, R. (org.) **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- ARRAIS, A. K. M. Mercado de trabalho Formal Industrial: Comparativo entre as Regiões Sudeste e Nordeste nos anos de 1994 e 2004. **Monografia** (Graduação em Economia), Universidade Regional do Cariri (URCA), 2007.

BARBOSA, A. S. **Empresário e capital na indústria do calçado de Franca-SP (1920-2000). Anais do V Congresso Brasileiro de História Econômica e 6ª Conferência Internacional de História de Empresas**, ABPHE - Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica (Brazilian Economic History Society), 2003.[1]

BEAUD, M. **História do Capitalismo de 1500 até nossos dias**. São Paulo, 1987.

BERNARDELLI, L. V.; CASTRO, G. H. L.; GOBI, J. R.; MICHELON, E.; VIEIRA FILHO, J. E. R. **Formalidade do mercado de trabalho e produção agrícola no Brasil**. Texto para Discussão, Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2020.

BIAVASCHI, M.B.; TEIXEIRA, M.O. A Reforma Trabalhista Brasileira na Dinâmica da Economia. Século XXI, **Revista de Ciências Sociais**, v.8, n. 2 ,p.477-518, 2018.

CALANDRO, M. I., CAMPOS, S. H. **Arranjo Produtivo Local calçadista Sinos Paranhana. Relatório I**. Porto Alegre: FEE, 2013. Disponível em:<https://arquivofee.rs.gov.br/wp-content/uploads/2016/06/201606062-calcados-valedo-rios-dos-sinos-relatorio-i.pdf>. Acesso em: 10/03/2023.

CALANDRO, M. L. **A persistente crise da indústria calçadista gaúcha**. 2011.

CORREIA, H. **Curso de Direito do Trabalho**. 6. ed. Salvador: JusPODIVM, 2021.

COSTA, A. B. da; PASSOS, M. C. **A indústria calçadista no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. 114 p.

CASTRO, V. C.; KUHN, L.; PENA, H. W. A. Análise do quociente locacional e da dinâmica produtiva do município de Salinópolis - Pará. **Revista Observatório de la Economía Latinoamericana** p. 14, set, 2017.

COUTINHO, S. G. et al. (Org.) **Reformas institucionais de austeridade, democracia e relações de trabalho**. LTr: São Paulo, 2018. p. 85-96.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIEESE, Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. **Os Impactos da Lei No. 13.429/2017 para os trabalhadores: contrato temporário e terceirização**. NOTA TÉCNICA No. 175, abril 2017.

DUTRA, F. C. M. S.; COSTA, L. C.; SAMPAIO, R. F. A influência do afastamento do trabalho na percepção de saúde e qualidade de vida de indivíduos adultos. **Fisioterapia e Pesquisa**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 98-104, mar. 2016.

DUTRA, R.; FILGUEIRAS, V. A polêmica sobre o conceito de terceirização e sua regulação. **Revista Jurídica Trabalho E Desenvolvimento Humano**, v. 4. 2021.

DROPPA, A.; BIAVASCHI, M. B.; TEIXEIRA, M. O. A Terceirização no Contexto da Reforma Trabalhista: conceito amplo e possibilidades metodológicas. **Caderno CRH**, v. 34, 2021.

DRUCK, G.; SENA, J.; PINTO, M. M.; ARAÚJO, S. A Terceirização no Serviço Público: particularidades e implicações. In: **Terceirização do trabalho no Brasil: novas e distintas perspectivas para o debate**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Brasília. p. 113-142. 2018.

FERREIRA, L. H. S. **Desigualdade de Gênero no Trabalho: um estudo sobre Divisão Sexual do Trabalho e Trabalho a Domicílio na indústria calçadista em três municípios brasileiros nos anos 2000 e 2010**. *Latitude*, 13(2), 233–257.2020.

FILGUEIRAS, V. A. CAVALCANTE, S. M. O trabalho no século XXI e o novo adeus à classe trabalhadora, **PRINCÍPIO**, São Paulo, v. 159, p. 11, 2020.

FREITAS, L. C. A. **Trabalho em Condições Análogas ao de Escravo :uma Análise a Partir Da Jurisprudência do TRF da 3a Região**. 1ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris Editora,2018.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística **Produto Interno Bruto -PIB**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/explica/pib.php>>. Acesso em 07/03/2023.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE. **População Estimada de 2021**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em 23/05/2023.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9221-sintese-de-indicadores-sociais.html>. Acesso em 23/05/2023.

LOPES, H C.; FILHO, P. J. M. Barreiras à entrada: um estudo do setor calçadista do Vale dos Sinos/RS. **Revista de Economia e Administração**, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 426-443, out./dez. 2012.

MARX, Karl. **Capital – Livro I**. São Paulo; Boitempo, 2017.

MANTOVANI, A. Procedimentos e Modelos para Previsão de Vendas e Determinação de Quotas na Indústria Calçadista: proposta e estudo de caso. **Tese de Doutorado**, Programa de Pós-Graduação de Engenharia de Produção/UFSCar, São Carlos, SP, 2011.

MITTANCK, V. A. De donas de casa submissas a operárias da fábrica: mulheres em busca de trabalho nas fábricas do setor coureiro calçadista de Parobé (RS, Brasil). **Dissertação de mestrado** em Desenvolvimento Regional. PPGDR/Faculdades Integradas de Taquara. Taquara, 2018.

MONTEIRO, A. L. BERTAGNI, R. F. S. **Acidentes do trabalho e doenças ocupacionais** (conceito, processos de conhecimento e de execução e suas questões polêmicas). São Paulo: Saraiva, 2016. 8. Ed.

OLIVEIRA, R. B. A Organização da indústria calçadista na economia do Vale dos Sinos: estudo de caso no município de Campo Bom (1990-2015). **Dissertação**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2018.

OLIVEIRA, A. F.; GOMIDE JÚNIOR S.; POLI, B.V.; OLIVEIRA- SILVIA L.C. Análise dos Fatores Organizacionais Determinantes da Intenção de Rotatividade. **Temas em Psicologia**, 26(2), 1031–1042. 2018.

PACHUKANIS, E. **A teoria geral do direito e o marxismo e Ensaios escolhidos (1921-1929)**. São Paulo: Sundermann, 2017.

PEREIRA JÚNIOR, E. **Território e economia política: uma abordagem a partir do novo processo de industrialização no Ceará**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. 478 p.

QUEIROZ, S.N; FILHO, L.A.S. Industrialização e emprego formal no Ceará: Análise a partir dos dados da RAIS-MTE 1996/2006. **Revista de Desenvolvimento do Ceará**. IPECE. 2010.

RIBEIRO, A. D. S.; SILVA, N. Significados de Felicidade orientados pela Psicologia Positiva em Organizações e no Trabalho. **Psicología desde el Caribe**, v.35, n.1, 2018.

RODRIGUES, H. C. P. Impactos da reestruturação produtiva na produção de calçados. **Revista Tópicos Educacionais**, v. 28, n. 1, p. 151-165, 2022.

ROUANET, H.; LACKERMAN, W.; LE ROUX, B. A análise geométrica de questionários: a lição de La Distinction de Bourdieu. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. 15, 2005.

RUFFONI, J. A indústria de máquinas para calçados e curtumes no Rio Grande do Sul do Brasil. In: COSTA, A. B.; PASSOS, M.C. (orgs.). **A indústria calçadista no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Editora Unisinos, p. 69-86. 2004.

SANTOS, V. H. S. Segurança e Saúde do Trabalhador na Indústria Calçadista Brasileira: um olhar preventivo para Sergipe. **Ideias e Inovação - Lato Sensu**, v. 4, n. 2, p. 77, 2018.

SEBRAE / Dieese. **Anuário do trabalho na micro e pequena empresa 2020**. Disponível em: <<https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/credito/pronampe>>. Acesso em 23/05/2023.

SEBRAE. **MANUAL básico de segurança e saúde no trabalho para as micro e pequenas indústrias do calçado**. Disponível em:

<<https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/saude-e-seguranca-no-trabalho-para-me-e-epp,3f6cd63996ef1810VgnVCM100000d701210aRCRD>>. Acesso em 16/06/2023.

SILVA FILHO, L. A.; QUEIROZ, S. N. Errantes do século XXI: de construtores a vítimas de trabalho precário. **Revista de Economia**, v.40, n.1 (ano 38), p.165-190, jan/abr, 2014.

S.T.C.V. DE ROLANTE-RS. **Sindicato dos Trabalhadores no Calçado e Vestuário de Rolante-RS**, 2023. Convenção Coletiva, 2022/2023-RS 003577/2022/Solicitação de Registro MR050186/2022.

VELOSO, C. W. Aristóteles mimético. 1999. **Tese (Doutorado)** – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999. . Acesso em: 26 maio 2023.

ZAVARIZZI, C. P.; ALENCAR, M. C. B. Afastamento do trabalho e os percursos terapêuticos de trabalhadores acometidos por LER/Dort. **Saúde debate**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 116, p. 113-124, Jan. 2018.

ZINGANO, E. M. O Complexo Calçadista Brasileiro e as causas da queda de seu desempenho no período de 2003 a 2011. **Trabalho de conclusão de curso** de graduação em Ciências Econômicas/UFRGS, Porto Alegre, RS, 2012.